

Elaine Vargas Guimarães*
Paula Virginia Malatér D'Almeida**

RESUMO

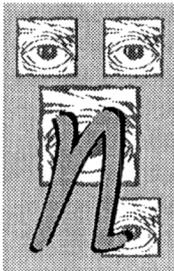
Na tentativa de refletir sobre a pergunta proposta pela seção, busca-se relatar um trabalho de parceria realizado numa escola pública de Florianópolis, visando demonstrar a importância do jogo na construção do esporte da escola.

ABSTRACT

In an attempt to reflect about the question proposed in the "section", we try to report a partnership work made in a government school in Florianópolis, in order to demonstrate the importance of the game for building the school sport.

* Professora substituta de Educação Física do MEN/CED/UFSC.

** Professora de Educação Física da rede municipal de Florianópolis.



este ponto de vista procuraremos apontar alguns caminhos que possam contribuir para o esclarecimento da questão levantada, quanto à importância do jogo na Educação Física e de como este pode auxiliar em uma educação transformadora.

Falaremos sobre este questionamento a partir do relato de uma experiência em uma Escola Pública de Florianópolis, situada na Barra de Sambaquí, mais precisamente com a 3ª série do Ensino Fundamental, experiência essa desenvolvida a partir de um projeto coletivo denominado "A Educação Física no cotidiano da Escola Pública", coordenado pelos professores Giovani Pires e Paulo Capela (1994), do Núcleo de Estudos Pedagógicos em Educação Física/UFSC, entre 1993 e 1995.

Para iniciarmos essa reflexão, torna-se necessário entendermos o fenômeno jogo para chegarmos no "Jogo da Educação Física", que seja realmente coerente com os princípios pedagógicos de uma educação emancipatória. Em nossa experiência, tentamos seguir alguns princípios como: a ludicidade, cooperação, continuidade-e-ruptura, co-gestão, totalidade, criticidade, entre outros. E isto não é uma tarefa fácil!

Muitos autores teorizam sobre o lúdico, o jogo e brincadeiras; entre outros, Bruhns (1993) fala sobre alguns critérios fundantes do jogo, abordados numa visão antropológica, que citamos abaixo e sobre eles refletimos:

1 - O DESINTERESSE - será mesmo que quando jogamos ou quando as crianças jogam, elas não têm interesse? Parece que este interesse, na maioria das vezes, existe, o que diferencia é em quem estamos interessados, se ele é voltado para as questões de competição/performance - o que reflete bem as características de uma sociedade capitalista - ou se voltado para o prazer que o jogo pode proporcionar enquanto manifestação cultural, característica esta que pode ser explorada pedagogicamente;

2 - PRAZER - muitas vezes, quando jogamos, semeamos outros sentimentos como a insegurança, o medo, a raiva, e outros. Será que então deixou de ser jogo? E na Educação Física, será que quando jogamos, devemos nos preocupar apenas com a satisfação dos alunos? Esta foi uma reflexão constante em nossa práxis, por percebermos que os alunos, muitas vezes, sentiam mais prazer em tentar reproduzir os esportes, hegemonicamente transmitidos, do que experimentar novas construções de jogos que possibilitassem sua intervenção direta, através de sua criatividade.

3 - DESORGANIZAÇÃO - pode até parecer assim para quem está de fora, mas para quem é sujeito deste jogo, tudo está bem organizado e tem sentido/significado. E mais, quem joga sabe quando precisa intervir. Em contrapartida, quando nós, professores, pretendemos impingir nossa forma de organização¹ a determinado jogo, sem torná-lo significativo para os alunos, este provavelmente tornar-se-á desorganizado.

4 - ESPONTANEIDADE - acreditamos que espontaneidade pode acontecer em outras dimensões da vida. Mas, como

afirma Carvalho (1993), o espontaneísmo lúdico, vindo de uma teoria burguesa, pressupõe que o jogo infantil não necessita de uma relação adulto/criança, mas apenas da relação criança/criança. E isso vem acontecendo nas escolas, mais precisamente nas chamadas aulas “livres”; porém, o professor, ao renunciar a participação no jogo, acaba negando o caráter dialético da educação e do jogo. Este último, na maioria das vezes, já está mais do que influenciado pela cultura hegemônica repassada às crianças pelos meios de comunicação e pelos brinquedos industrializados (Kunz, 1994).

Durante nossa experiência com os alunos da 3ª série, tentamos possibilitar uma relação mais espontânea, tanto no plano interpessoal, como no que se referia ao jogo, sem no entanto, cairmos no espontaneísmo.

5 - LIBERTAÇÃO DOS CONFLITOS - este critério, muito utilizado na psicanálise, reproduz no jogo aquilo que é vivido no social/cultural; mais do que libertação de conflitos, no jogo nós aprendemos a percebê-los e refletir sobre eles e, automaticamente, decidir sobre como resolvê-los.

Tentamos explorar com nossos alunos as situações de conflitos surgidas durante o jogo, sempre remetendo à criticidade e reflexão por parte do grupo, na busca de soluções que não se restringissem ao momento do jogo, mas a um âmbito maior, numa perspectiva de totalidade.

Sobre estes critérios, só resta uma dúvida: ou tais critérios não conseguem definir as diversas possibilidades e sentidos do jogo ou continuamos chaman-

do de jogo àquilo que há muito tempo deixou de sê-lo. Durante nossos encontros com as crianças da 3ª série, esta dúvida instigadora movia o grupo à pesquisa, procurando envolver professores, alunos e comunidade, como uma forma, também, de despertar a curiosidade e a necessidade de questionar/investigar.

Uma das pesquisas que realizamos com a turma referia-se diretamente ao entendimento que as crianças e a comunidade tinham de esporte e jogo. Através desta, percebemos a grande confusão que existia entre estes dois temas, que eram considerados como sinônimos pelas crianças, como podemos identificar nestas respostas:

- *“brincadeira é jogar vôlei, futebol, natação, boliche, beisebol..., e até brincar de esconder;*

- *esportes são jogos e com ele nos divertimos e fazemos novos amigos.”*

A relação com o rendimento também era muito forte, influenciada, em grande parte, pelos meios de comunicação, o que se refletia nos momentos de jogar, sendo o jogo considerado tão competitivo quanto o esporte.

Como coloca Bruhns (1993:26), algumas teorias têm uma visão parcial do fenômeno jogo, vendo sua importância na hereditariedade, no biológico e no fisiológico, partindo de uma idéia de indivíduo em uma situação evolutiva, sem considerar o social e o cultural destes seres humanos; algumas delas são: *“Teoria da energia excedente”*; *Teoria dos “Instintos”*; *Teoria da recreação*”;

“Teoria do relaxamento”; *“Teoria da recapitulação”*; *“Teoria da genética”* e *“Teoria do pré-exercício”*.

Outros autores, como afirma Kunz (1994), desenvolveram pesquisas sobre o brinquedo e o jogo com trato mais filosófico, como Buytendjk e Huizinga. Este último, conforme Bruhns (1993), afirma que jogo é uma atividade livre, consciente, tomada como “não séria” e exterior a vida habitual, mas ao mesmo tempo, capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. É uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material, com o qual não se pode obter lucro, praticada dentro de limites espaciais temporais próprios, segundo uma certa ordem e certas regras; promove a formação de grupos sociais.

Para Buytendjk (apud Bruhns, 1993), o jogo se caracteriza pela alternância entre a tensão e o relaxamento. Aquele autor também afirma que dois conceitos seriam fundamentais no conhecimento da essência do jogo humano: a subjetividade corporal e o corpo como consciência.

Também existem aqueles que fazem uma leitura do brinquedo e jogo a partir da ótica do contexto sócio-cultural e histórico. Como afirma Kunz (1994:87), estes condenam o processo de homogeneização global que atinge o mundo do movimento, brinquedo e jogo. Isto leva a um controle social pela influência dos brinquedos e objetos de jogo industrializados, sobre o imaginário infantil, *“...pois a criança forma o seu imaginário social, cultural e lúdico, através do seu pensar, agir e sentir, que até a idade do adolescente, configura-se especialmente, pela brincadeira e o jogo”*.

Em nosso trabalho, buscamos com os alunos um entendimento de jogo a partir do seu contexto sócio-histórico, tentando resgatar, através de pesquisas com a comunidade, das vivências das crianças, quais os jogos que fazem parte da cultura de movimento dessa comunidade; a partir daí, pretendíamos chegar a um entendimento das diferenças entre jogo, esporte de rendimento, esporte de lazer e quais significados estas manifestações têm a nível social.

Como nas teorias, também na Educação Física as visões de jogo são contrárias. Pode-se dizer que as teorias influenciam a forma como os professores de Educação Física percebem o jogo. Alguns acreditam que o jogo é uma forma de melhorar o rendimento, buscar a “socialização” dos alunos; liberá-los da tensão e sedentarismo da sala de aula, etc... O uso destas teorias caiu ao nível do senso comum - inclusive na visão dos educadores -, o que mostra bem o caráter funcionalista que é dado ao jogo.

Concordamos com Kunz (1994), para quem, transformar as atividades lúdicas do brincar e jogar em momentos pedagógicos é uma dificuldade, pois a escola é vista como coisa “séria” e quando, em nossas aulas de Educação Física, privilegiamos o lúdico, as próprias crianças têm dificuldade de entender que aquele também é um momento de aprender.

Durante nosso trabalho com os alunos, percebemos essa confusão, pois quando propúnhamos vivências de maior criação, mais lúdicas, com liberdade de expressão e intervenção, eles não entendiam esses momentos como

“aula”, pela própria visão que é repassada na escola de que aprender é “coisa séria” e brincar não é pedagógico.

Por outro lado, a maioria dos alunos, nos momentos de jogar/brincar, não conseguiam entender uma maior intervenção de nossa parte, o que se fazia necessário para não cairmos no espontaneísmo.

Para refletirmos sobre estas dúvidas com os alunos, fez-se necessária a construção de vários trabalhos/textos que tinham a intenção de levar a um melhor entendimento sobre estas questões, como por exemplo esses que apresentamos, referentes justamente ao esporte e ao jogo:

Você Sabia?

Que o esporte nasceu na Europa, como uma atividade para o corpo, onde a principal característica era a competição?

O esporte foi crescendo e se espalhando pelo mundo. Cresceu tanto que suas características também aumentaram e nem sempre o esporte que vemos na TV é o mesmo esporte que fazemos na escola ou na nossa rua. Por isso, algumas pessoas resolveram dividi-lo em vários tipos, como:

- *esporte profissional - é aquele que você vê todos os domingos na TV, como uma partida entre Flamengo x Vasco. Nessa partida, um time deve ganhar do outro, há regras obrigatórias e os jogadores ganham dinheiro para disputá-la.*

- *esporte da escola - o mais importante nesse esporte é educar, procurando desenvolver a participação, o interesse, a colaboração, a criatividade e a aprendizagem de vários conteúdos.*

Muitas pessoas confundem esporte e jogo, eles são parecidos, mas não são a mesma coisa!

Então, o que é jogo?

No jogo, todos são amigos, existe alegria, há brincadeira, há liberdade, criatividade tanto para criar regras quanto para modificá-las, aonde todos são iguais, para tomar as decisões. O esporte da escola deve se aproximar bastante do jogo.

O que você acha sobre isso? Dê sua opinião, contribua com o esporte da escola!!!

Vamos lá, isso é para ontem!! Faça uma redação...você consegue!!!

Vamos Fazer uma Redação???

Invente uma história sobre o esporte da escola, que tal aquele que você está aprendendo nas aulas de Educação Física?

Você é o narrador e vai escrever uma narração. Dê um título à sua história e capriche na letra!

- Observe as partes:

- a) *introdução - o começo da história: apresentação dos personagens e do lugar;*
- b) *desenvolvimento - meio da história: qual o esporte, como é jogado, por que se joga, quando e onde é jogado,...*

c) *desfecho - final e conclusão: como se resolveu e como acabou a história.*

A questão, portanto, é como o Jogo entra na Educação Física, sem ser descaracterizado? Ou melhor, como a Educação Física pode contribuir para resgatar a essência do Jogo, perdida pela crescente tendência de racionalização das ações humanas? Fomos buscar estas perguntas em alguns autores e na reflexão sobre nossas vivências.

KUNZ (1994) diz que, pedagogicamente, deve se levar em consideração que, oportunizar experiências de vivências bem sucedidas de vida e que escapam do sentido cotidiano das atividades obrigatórias, é contribuir com a possibilidade da formação de indivíduos críticos e emancipados.

CARVALHO (1993:54) reforça esta idéia quando diz que:

“é preciso entender que o desenvolvimento e o auto fortalecimento do caráter da criança inicia-se a partir de suas ‘vitórias’ ou de seus ‘êxitos’ sobre o meio, por vezes hostil, que a circunda, e que devem ter significado histórico e político.”

O Jogo também pode ser uma forma de aguçar a curiosidade investigadora do ser humano, como afirma Santin (1987), por ser um processo criativo de investigação. As próprias contradições e conflitos que ocorrem durante o jogo valem como reflexo da nossa sociedade/cultura; podem ser um momento, pedagogicamente, importante para se refletir questões mais amplas, como as políticas, sociais e econômicas.

Acreditamos ser importante tornar o jogo, bem como seus objetivos na Educação Física, significativos para os sujeitos envolvidos.

E foi justamente com esse intuito que o jogo entrou em nossa prática e tomou a importância que teve no processo educativo de nossos alunos da 3ª série, principalmente porque identificamos nele, jogo, características fundamentais, imprescindíveis, para trabalharmos pedagogicamente outro grande tema da cultura corporal (Coletivo de Autores, 1992) dentro da Educação Física, que foi o Esporte, tema esse incluído no plano de trabalho com a turma, tanto pela demonstração de interesse dos alunos sobre ele, como pela nossa crença de que, descartá-lo das séries iniciais seria reforçar a visão tecnicista, pautada pelo Treinamento Desportivo, que trata o Esporte como um “tabu” para essas séries, justamente por que vê nele apenas possibilidades de performance e rendimento, para o que estes alunos ainda não estariam “preparados”.

E essa visão é tão verdadeiramente presente na escola, que, segundo o Coletivo de Autores (1992:36), *“a perspectiva da Educação Física Escolar (...) tem como objeto de estudo o desenvolvimento da aptidão física do homem (...) e, nessa perspectiva, o esporte é selecionado porque possibilita o exercício do alto rendimento e, por isso, as modalidades esportivas, selecionadas são geralmente as mais conhecidas e que desfrutam de prestígio social”*, o que, mais uma vez, reforça a exclusão desse tema nas quatro primeiras séries do 1º grau, condição com a qual não concordamos

e contra a qual tentamos nos opor durante nossa atuação pedagógica, nesse período.

Para emprendermos esse trabalho, com o intuito que tínhamos de desmistificar o esporte enquanto um fenômeno social estático, imutável, encontramos algumas dificuldades pois, o próprio processo escolar é, de uma certa forma, “esportivizado”, já que todas as regras e relações estabelecidas na escola provém de um sistema - o capitalista - que hierarquiza, marginaliza, exige resultados, produtividade, individualismo e superação dos próprios limites (todas características presentes nos esportes), reforçando a face esportivizada da sociedade ocidental e que acabam se justificando por si mesmas, legitimadas por um processo de “civilização” e “tecnologização” da humanidade.

Mas, como nosso intuito dentro da escola e, em especial, com essa turma da 3ª série, era o de justamente, tornar mais transparente as implicações sociais de todo esse processo de “esportivização” da sociedade — tendo sempre como ponto de partida o mundo de vida dos alunos — fomos em busca de referências fora do esporte de rendimento, para tentar transformá-lo de “esporte na escola” em “esporte da escola”; e é nessa busca que encontramos no jogo - em algumas de suas características - a mediação desse processo, que levaram a uma “pedagogização” do esporte, sem, no entanto, negá-lo enquanto manifestação cultural, presente com grande constância na vida das pessoas, mas que, segundo Kunz (1994:28),

“não necessariamente precisa ser tematizado na forma tradicional,

com vistas ao rendimento, mas com vistas ao desenvolvimento do aluno em relação a determinadas competências, imprescindíveis na formação de sujeitos livres e emancipados”.

Com esta perspectiva, portanto, iniciamos a caminhada, junto com os alunos, rumo à construção de conteúdos significativos dentro do binômio esporte e jogo, que andaram sempre juntos na consolidação de um esporte escolar que não excluísse, não adestrasse os indivíduos, não os moldasse passivamente aos condicionantes sociais, que, enfim, afastasse da educação física escolar as características presentes no esporte de rendimento — *“exigência de um máximo rendimento atlético, norma de comparação do rendimento que idealiza o princípio de sobrepujança, regulamentação rígida (...) e racionalização dos meios e técnicas”*, conforme o Coletivo de Autores, (1992:70) - que acabam por reforçar relações desiguais e acirram a competição e o individualismo na escola e na vida das pessoas. Para isso, algumas características do jogo foram de grande ajuda, tais como:

- a ênfase no coletivo, reforçando-se, assim a ajuda mútua, a cooperação, a interação social e a construção em grupo;
- a liberdade de criação, que auxilia na desmistificação da imutabilidade das regras instituídas, das normas sem sentido e, também, ajuda no desenvolvimento da ousadia, que se constituirá em um dos elementos no caminho da autonomia e emancipação;
- a liberdade de intervenção/posicionamento conscientes, que é uma continuação do processo de des-

mascaramento das leis imutáveis, na forma de análise dessas leis e na mudança das mesmas, quando possível e quando não, na busca de como podem ser transformadas;

- a gratuidade presente no jogo, também contribui nesse processo, não para tornar o processo educativo desinteressado ou espontaneísta, mas sim, para “quebrar” a rigidez com que se apresenta o esporte quanto aos objetivos de produção e performance, incompatíveis com uma educação emancipatória e transformadora.

Isso não significa que as aulas não tenham objetivos definidos, nem que os alunos não os conhecessem, mas sim, que esses objetivos não eram compatíveis com os do esporte fora da escola, de rendimento. Por isso, a ênfase na vitória, no sobrepujar o “adversário” — o que leva às “folgas” de uns colegas sobre outros e criam um “clima”, de antagonismos — era substituída em favor de construir juntos um “jogo” do qual todos pudessem participar e que, no fundo, não tinha outro objetivo que não o de divertimento, onde pudessem sentir-se em ação enquanto sujeitos capazes de compreender, optar, intervir e modificar o momento do jogo, trazendo esse processo consigo, a reboque, uma compreensão de que essa intenção também é possível num contexto maior, fora do “esporte da escola”, sendo, o processo de construção do “Jogo” o próprio ato pedagógico, enquanto tematizador das manifestações culturais expressas pelo movimento.

A exploração do “conhecimento” de cada aluno também faz parte das estratégias possíveis no jogo, pois cada contribuição individual faz um coletivo significativo e traz à tona as inten-

cionalidades e subjetividades dos indivíduos. Esse aspecto, o de consideração das intervenções culturais do aluno, é muito importante na transformação do esporte, pois este, quando voltado para o rendimento e a performance, não considera as individualidades, a não ser as biológicas.

Entretanto, quando o esporte assume algumas características do jogo, e é compreendido e transformado pelos indivíduos que o vivenciam, torna-se um elemento importante na contribuição para a formação de cidadãos críticos e emancipados.

Referências

Bibliográficas

- BRUHNS, Heloísa T. *O corpo parceiro e o corpo adversário*. Campinas : Papyrus, 1993.
- CARVALHO, M. *Pedagogia do jogo e o jogo da pedagogia*. In: FERREIRA, Amarílio Neto (org.). *Educação Física e Esportes*. Vitória/ES : CEFDF/UFES, vol. I, 1993.
- COLETIVO DE AUTORES, *Metodologia do Ensino de Educação Física*. São Paulo : Cortez , 1992.
- KUNZ, Elenor. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí : Ed. Unijuí, 1994.
- PIRES, Giovani, CAPELA, Paulo (coords.). *A Educação Física no Cotidiano da Escola Pública*. In: *Motrivivência*. Florianópolis : NEPEF, n.5/6/7:111-115, dez/94.
- SANTIN, Silvino. *Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade*. Ijuí : Ed. Unijuí, 1987.